

FILOSOFIA

COM

**VIVIANNE
CATOLÉ**

Coruja é a ave soberana da noite. Para muitos povos a coruja significa mistério, inteligência, sabedoria e conhecimento. Ela tem a capacidade de enxergar através da escuridão, conseguindo ver o que os outros não veem.

A coruja simboliza a reflexão, o conhecimento racional e intuitivo. Na mitologia grega, Atena, a deusa da sabedoria, tinha a coruja como símbolo. A palavra inglesa para definir coruja é owl.

Os gregos consideravam a noite o momento propício para o filosófico. Pela sua característica de animal notívago (pelo nome pelos gregos como símbolo da busca pelo conhecimento).

Havia uma tradição que dizia que quem conversava com os dons de previsão e clarividências, como os oráculos.

Enquanto todos dormem a coruja é vigilante e atenta aos barulhos. Em muitas culturas uma poderosa e presente.

A coruja tem a particularidade de observar algo ao menor movimento. As corujas são exímias caçadoras.

uma das
coruja-buraqueira, que tem esse nome porqu
vezes a coruja-buraqueira utiliza



CURSO
FERNANDA PESSOA
ONLINE

**FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA:
HARBERMAS - RAZÃO
COMUNICATIVA**

FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA: HABERMAS – RAZÃO COMUNICATIVA



Habermas (1929-) é um filósofo alemão que pertence à chamada “segunda geração” da Escola de Frankfurt. Foi assistente de Adorno no Instituto de Pesquisas Sociais de 1956 a 1959. Foi também professor na Universidade de Heidelberg (1961- 1964) e depois em Nova York (1969). Além disso, ocupou o cargo de diretor do Instituto Max Planck (1971), em Starnberg, Alemanha, sendo atualmente professor da Universidade de Frankfurt.

O MODELO COMUNICATIVO DE HABERMAS

Uma das chaves para entender Habermas é tomá-lo como um continuador da Teoria Crítica. Ele parte da formulação deixada por Adorno e Horkheimer, em *Dialética do Esclarecimento*. Endereça uma crítica à tese central do livro e propõe uma leitura própria.

Primeiro, então, relembremos a tese central do livro. A *Dialética do Esclarecimento* investigou a razão humana e as formas sociais da racionalidade. A conclusão era a de que a razão instrumental consistia na forma estruturante e única da racionalidade social no capitalismo administrado.

O resultado era uma situação em que não há saída para o comportamento crítico e, até mesmo, num bloqueio estrutural da prática emancipadora, objetivo último da Teoria Crítica. Para se contrapor a esse diagnóstico, Habermas formula um novo conceito de racionalidade.

Em primeiro lugar, Habermas não condena completamente a razão instrumental, ainda que reconheça que é preciso impor-lhe limites. Desenvolve uma teoria da racionalidade, então, que tem dupla acepção: **instrumental e comunicativa**.

A **ação instrumental** é aquela orientada para o êxito, em que o agente calcula os melhores meios para atingir fins determinados previamente. Esse tipo de ação é aquele que caracteriza o trabalho, segundo Habermas. Em outras

palavras, são ações dirigidas à dominação da natureza, à organização da sociedade e das condições materiais de vida. Em resumo, possibilita a reprodução material da sociedade.

A **ação comunicativa**, em contraste, é orientada para o entendimento, em que não há um sujeito e um objeto, numa relação de dominação, mas sim dois sujeitos, numa relação de cooperação em busca de estabelecer significado ao que fazem. Vale dizer, são ações dirigidas ao consenso e que permitem a reprodução simbólica da sociedade.

“O agir comunicativo fundamenta-se na força sem violência do discurso argumentativo.”

A ÉTICA DO DISCURSO DE HABERMAS

- Fundamentada pela razão comunicativa, que apoia-se no diálogo e na interação mediada pela linguagem e o discurso;
- Assim, a interação entre sujeitos precisa ser feita sem pressões típicas do sistema econômico (força do dinheiro) ou político (força do poder);
- **Razão instrumental:** pactos, negociações e interesses particulares;
- **Razão comunicativa:** construída na relação entre sujeitos críticos e depende do consenso diante de uma “situação ideal de fala” (horizonte do discurso, ainda que inalcançável); intersubjetividade e intercomunicação.

A **RAZÃO DIALÓGICA**, que brota do diálogo e da argumentação entre os agentes interessados numa determinada situação.

É a razão que surge da chamada ação comunicativa, do uso da linguagem como meio de conseguir um consenso.

Para tanto, é necessária uma ação social que **fortaleça as estruturas capazes de promover as condições de**

liberdade e de não constrangimento, imprescindíveis ao diálogo.

Conceito de FALA-IDEAL, trata-se da fala que atende a quatro pré-requisitos, sendo eles:

- 1. a igualdade comunicativa** (aqueles que falam devem possuir a mesma capacidade de se comunicar);
- 2. a igualdade de fala** (aqueles que falam devem ter a mesma chance de se expressar);
- 3. a igualdade de veracidade e sinceridade** (aqueles que falam devem possuir a mesma intenção ao manifestar ideias e sentimentos);
- 4. a igualdade da correção de normas** (aqueles que falam devem ter a mesma possibilidade de opor-se, dar permissão, proibir, fazer ou desfazer promessas).

O ponto de Habermas é que, ainda que nunca venham a se realizar, a situação ideal de comunicação orienta a situação real. É a partir dela que é possível detectar as distorções atuais – os obstáculos que impedem a realização ideal. Em Habermas, então, a racionalidade é dupla: instrumental e comunicativa. Ambas são necessárias e complementares para a vida social, cada uma em seu âmbito.

Uma das consequências mais imediatas dessa reformulação: a emancipação deixa de ser sinônimo de revolução, isto é, de abolição das relações sociais capitalistas pela ação consciente do proletariado como classe. São valorizados, com Habermas, **os potenciais emancipatórios presentes nos mecanismos de participação próprios do Estado Democrático de Direito.**

Anotações